

4

Desenvolvendo a proposta com o MST



4.1 Imaginando uma nova humanidade

As Castanheiras de Eldorado dos Carajás

O monumento *As Castanheiras de Eldorado dos Carajás* foi construído por mais de oitocentos sobreviventes do massacre de 17 de abril de 1999, com a ajuda do acampamento vizinho *26 de Março*. O convite para colaborar nesse projeto, por parte da direção estadual do MST-Pará, foi diretamente inspirado pelo mural *Campo e Cidade, Uni-vos*¹!

¹ Ver 3.2, *Em busca de diálogo*.

A escultura monumental é formada por dezenove árvores de castanheira, queimadas e mutiladas pelos latifundiários, inspirada no uso dos corpos dos sobreviventes como *objetos íntimos*, com a proposta de 'codificar' o mundo objetivo que eles internalizaram, depois de decodificados através de *teatro imagem* e *teatro tribunal*² improvisados. O monumento permite que a comunidade massacrada e todo o Movimento Sem Terra visualizem o relacionamento entre as vozes *interna* e *externa* de sua cultura de resistência. O espaço entre as dezenove árvores (arranjadas no formato do mapa do Brasil) funciona como um palco de diálogo interno, questionamento radical, dúvidas íntimas, auto-reflexão agonizante e avaliação confidencial. O mesmo espaço pode ser transformado num palco para ampliar a raiva, a acusação e os protestos unificados dos massacrados para as platéias além das árvores.

² Ver palavras-chave.

Porém, além desse simbolismo poético, destinado a provocar questionamento, diálogo e reflexão no 'leitor' visitante, a escultura também possui um simbolismo

³ Significativamente, o MST publicou um livro didático em 2002 e sua agenda de 2004 com a imagem do monumento *As Castanheiras de Eldorado dos Carajás* como obra de somente um artista, sem referência aos 800 artistas que a criaram. A idéia de uma obra criada em diálogo com um povo e construída coletivamente esbarra em séculos de concepção individualista e elitista da arte e, de modo igualmente profundo, desconstrói a concepção do povo como uma *massa* a ser conscientizada e direcionada, incapaz de criar e se transformar independentemente.

autotransformador para o seu 'autor coletivo'³. Em 2001, a uma pequena distância da barricada de árvores, dezenove mudas de castanheiras foram plantadas. Enquanto as castanheiras velhas vão se desintegrando, novas árvores vão crescendo, permitindo que a comunidade mutilada perceba sua relação dialética com sua história e visualize a sua identidade-vítima como sendo curável e mutável.

As Castanheiras de Eldorado dos Carajás é, então, um monumento que se recusa a ser monumento. Ele se recusa a idealizar ou reificar o passado num símbolo rígido, monolítico, fixo. No entanto, além disso, esse monumento antimonumental nos desafia a refletir sobre a resposta à atual revolução informática e tecnológica que estamos vivendo. Em vez da tendência urbana global registrar cada evento significativo de nossa vida e monumentalizar nossa história em reação compulsiva a crise nas concepções revolucionadas de espaço e tempo – as diretrizes que precisamos para nos ler, entender e orientar no mundo – essa obra usa nosso mundo violentado para destacar e problematizar como nossa memória está sendo permanentemente roubada, fabricada e refabricada em imagens planas e museus consumíveis, a serviço da privatização e mercantilização do mundo. Em oposição à tendência de apropriar a arte da periferia como logomarcas nos *shoppings* e *outdoors* metropolitanos, essa escultura coletiva se propõe como uma marca antineoliberal, um teatro periférico de resistência e libertação.



Projeto

Objetivo político

Construir um monumento internacional para lembrar aqueles que foram assassinados durante o massacre de 17 de abril de 1996.

Objetivos pedagógicos

Experimentar o processo coletivo de construir uma escultura comunitária, para aprender a democracia e a produção coletiva.

Entender uma cultura de libertação.

Objetivos culturais

Estimular o questionamento e o diálogo sobre as causas do massacre, na região do Pará, no Brasil e internacionalmente.

Celebrar a cultura de resistência do MST, em busca de uma cultura de libertação.

Datas: 2 a 23 de abril de 1999

Local: Eldorado dos Carajás, Sul do Pará

Participantes: Assentamento MST *17 de Abril* e Acampamento MST *26 de Março*

Coordenador artístico-pedagógico: Dan

Coordenadora interna: Manoela

Mediadores culturais: Gouveia/Jozemar

Produção: Assentamento *17 de Abril* / Acampamento *26 de Março*

Materiais: castanheiras, óleo queimado, cimento, pedras, tinta, moto-serra

Custos: aluguel de guincho e retroescavadeira (com óleo e gasolina): R\$ 5.000,00; documentação: R\$ 300,00

Financiamento: MST-Pará

Duração: Fase oficina: 3 a 9 de abril

Fase projeto: 8 a 9 de abril

Fase produção: 10 a 17 de abril

Documentação: A curtíssima duração desse projeto nos deu pouco tempo para desenvolver a intimidade necessária para gravar os momentos de extrema dor e vulnerabilidade que nossos companheiros e companheiras compartilharam conosco durante o processo. Esse desejo de não violar a subjetividade dos sobreviventes do massacre foi, em si, parte do cuidado que tornou nossa colaboração possível e raramente permitiu que nos desligássemos do processo de diálogo e coordenação para documentar todos os momentos.

O fato de que podemos contar essa história por fotografias é uma evidência do relacionamento íntimo que desenvolvemos com os sobreviventes. Após a inauguração do monumento, no aniversário do massacre, minha câmera e todos os sete filmes usados foram roubados do local onde os havia deixado durante todo o processo, debaixo do altar principal do monumento. Uma das viúvas do massacre, no entanto, reconheceu a bolsa da câmera nas mãos de um estranho, em cima do caminhão onde estavam viajando. Ela pediu ajuda a outras pessoas e foi até o ladrão. Ele afirmou que a bolsa era dele e, quando se recusou a devolvê-la, ela interveio com uma coragem que assustou a si mesma, para resgatar a documentação fotográfica.



Contexto

Retrato de uma cidade: Marabá, a cidade grande mais próxima de Eldorado dos Carajás. Nós assistimos centenas de pessoas se esquivando de uma mulher jovem, quase inconsciente, surrada, na rua, enquanto ela murmurava sua história. Levantamos a mulher do chão e a levamos ao posto de saúde, a trinta metros dali.



Por uma terra sem latifúndios: Na principal estrada entre Marabá e Belém, nós esperamos por mais de vinte minutos enquanto milhares de bois eram conduzidos pelo local – uma fração da riqueza de um dos donos de terra no Sul do Pará. Esses latifúndios queimam muitas áreas de castanheiras para criar espaço para sua riqueza *fastfood*, empobrecendo milhares de castanheiros e suas famílias.



Cultura garimpeira: Um músico da rua, tocando numa das esquinas de Eldorado, canta sobre o sofrimento e violência da região. Seu violão está decorado com imagens de mulheres peladas. Durante nosso estágio, encontraríamos em casas seguras mão-de-obra escravizada que havia escapado das condições de exploração e miséria. Cochicham suas histórias com medo sobre túmulos escondidos de trabalhadores que morreram tentando fugir.



Construindo o novo dentro do velho: Uma das duas mil famílias do acampamento *26 de Março* constrói seu sonho, cinco dias depois da ocupação. A barraca de palha é o equivalente à lona preta no Sul.

Reivindicando humanidade: Mulheres no acampamento do *26 de Março* cozinham, nos primeiros dias após a ocupação. De que outra maneira poderá esse Estado feudal ser democratizado? Quarenta milhões de pessoas, de uma população de cento e setenta milhões no Brasil inteiro, vivem com menos de US\$ 70 por mês.



Primeiro jantar: Cinco dias depois da ocupação, essas três irmãs aproveitam o 'boi liberado'. Sem o MST, elas seriam forçadas a se prostituir, a procurar por comida em sarjetas e latas de lixo ou a mendigar na rua. No Pará, assim como na maior parte do Brasil, onde a injustiça é a lei, a intervenção 'ilegal' é vista como justa até pelo conselho de bispos católicos.



Cante por liberdade: Crianças cantam na sua escola de esperança. O desafio agora é como criar uma nova subjetividade cooperativa, uma vez que a motivação de urgência pela necessidade, nos acampamentos, é substituída pela questão da escolha nos assentamentos.





Retrato de uma região: Um nenê de três meses do assentamento 17 de Abril, preparado para seu enterro. Morreu de gripe.



Casa: Durante todo o projeto, Manoela e eu vivemos na casa de Gouveia, uma das lideranças do assentamento, Maria, sua companheira, e seus cinco filhos. Independentemente da importância de conhecer de dentro a cultura da comunidade e o risco em que ela vive, morar com um dos assentados mais respeitados e informados é essencial para a mediação contínua do projeto com a comunidade e da comunidade com o projeto. Chegamos após a colheita do arroz, que aparecia secando em cada uma das dezenove ruas.



Solidariedade empática: Uma colaboração cultural prolongada durante 1989-91, com a comunidade que sofreu o massacre de quatorze homens durante uma marcha por casas, emprego e voto no *Domingo Sangrento* (no dia 31 de Janeiro de 1972, em Derry, Irlanda do Norte), e os diálogos com a comunidade que sofreu o massacre de noventa jovens protestando contra a língua escolar Afrikaans na favela de Soweto (na África do Sul, no dia 16 de Julho de 1976), ajudaram a me orientar sobre como responder aos sobreviventes do massacre do Eldorado dos Carajás. Reconhecimento do corpo como um monumento de marcas visíveis, invisíveis e indiscutíveis – com sua própria voz e silêncio lúcido guardando uma dor infalável, uma culpa autodestrutiva e uma memória profunda que segue o tempo de re-vivência sob a memória e o tempo cotidiano – influenciaria a leitura de cada ‘mutilado’ e o ritmo de nossas conversas e reuniões na comunidade de *17 de Abril*.



Processo



Fundação: Eldorado dos Carajás. A curva do ‘S’: um trecho da PA-150, a principal estrada entre Marabá e Eldorado dos Carajás: em 17 de abril de 1996, 1500 famílias do MST estavam acampadas aqui, esperando a comida prometida e os caminhões para transportá-los até Belém, para um encontro com o governador do Pará. Em vez de comida e caminhões, 155 policiais militares armadas chegaram com tiros de verdade e sem identificação; durante três horas, massacraram pelo menos dezenove homens. Neste local, o silêncio é lúcido.

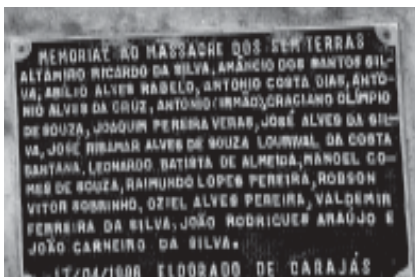
Testemunha: Essa mulher nos deu o primeiro copo de água, quando chegamos com os nossos companheiros do MST. *Eu não vi nada até acabar o fogo. Mas eu ouvi tudo. As três horas de crianças chorando e mães gritando, os gemidos dos feridos e as súplicas dos apavorados. Depois do tiroteio, eu saí de trás do meu colchão. Um monte de gente se abrigou atrás desse poço. Essa curva era um rio de sangue, miolos e havaianas...*



Quebrando o silêncio: Nós choramos na primeira vez que vimos essas cruzes simples de madeira que marcam o local do massacre. Os sobreviventes contam sobre pular por cima e se esconder atrás de corpos de mulheres e crianças. A polícia declara que apenas dezenove homens morreram. Depois dos tiroteios, a polícia juntou todos os corpos no meio da estrada e queimou as carteiras de identidade e documentos pessoais. Parece, então, que não há nenhuma prova para sustentar a denúncia do Sem Terra sobre a grande cova clandestina. *Você consegue transformar esse monumento num monumento permanente, em duas semanas?*, perguntou Raimundo. *Mas a sua simplicidade é a sua verdade*, eu respondi. *Por que vocês querem mudá-lo?* Raimundo respondeu: *Nós precisamos de algo maior, mais impressionante, para quebrar o silêncio...*



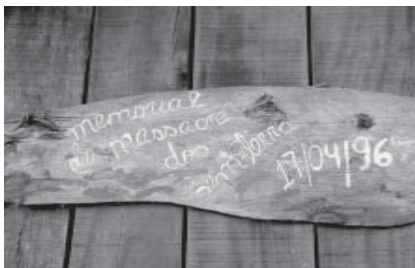
Os nomeados: A cruz principal relembra os dezenove homens que foram nomeados. No centro da placa, Oziel Alvez Pereira, o militante de dezessete anos espancado no chão, mas levado com vida até o hospital, onde, segundo a comunidade, depois foi assassinado. Hoje ele é conhecido em todo o Movimento por sua coragem e exemplo. Mais de 810 famílias desapareceram, dispersas, depois do massacre. Como verificar quem e quantas pessoas realmente morreram?



Memória: Ao lado do monumento, na beira da estrada, uma pequena capela de madeira, construída em memória dos mortos.



Objeto íntimo histórico: Há uma placa memorial acima da porta que mostra as marcas das balas. É possível ler nela a história socioeconômica e cultural do país inteiro nesse 'livro' escrito com balas e lágrimas.





Evidência: Dentro, a única evidência das mulheres e crianças que morreram. Ninguém se lembra ou arrisca dar o nome do padre ou da freira que pintou esse perigoso depoimento. *Por que precisamos de outro monumento?* Perguntamos novamente. No canto ao lado da pintura, uma coleção de pedras e pedaços de madeira, as 'armas' do MST. Em outro canto, uma exposição de recortes de jornal e fotos de Sebastião Salgado.



Objetivo: Ficamos impressionados com os detalhes sensíveis e expressivos da pintura. Quais brasileiros conhecem essa obra? O próprio MST no país não a conhecia. Raimundo nos levou para caminhar nas redondezas. *Nós precisamos de um monumento que provoque as pessoas a perguntar por quê.*



A questão de método: Nós voltamos a Marabá para encontrar as lideranças estaduais do MST. Depois de duas horas de análise, o coordenador Jorge Neri traçou seus objetivos e articulou a proposta da direção estadual: um punho de dois metros segurando uma foice. *Mas como pode um punho cerrado quebrar o silêncio e inspirar perguntas?*, eu perguntei. *Não irá simplesmente reforçar a caricatura preconceituosa sobre o MST na mídia?* A direção concordou. Eu mudei a proposta para uma mão segurando um ramo de arroz, mas continuei preocupado. *Quem será capaz de esculpir isso?*, perguntei. *Se esse monumento é para ser tão autêntico quanto as cruzes de madeira, ele precisa ser feito coletivamente.* Jorge logo entendeu. *O que você propõe?* ele perguntou. *Podemos consultar a comunidade massacrada e outras comunidades da região?*



Codificação: No primeiro acampamento, de 1500 famílias, nós nos reunimos na escola, construída cinco dias depois da noite da ocupação. Nós cantamos e trocamos histórias e, depois, perguntei: *Se vocês tivessem que escolher um objeto para representar suas vidas e histórias, o que vocês escolheriam?* Sem hesitação, vez após vez, eles responderam: *A árvore da castanheira. Nossos pais eram todos castanheiros. Quando os donos de terra cortaram e queimaram as árvores, eles cortaram e queimaram nossas vidas.* Eu agradei a eles por nosso primeiro objeto íntimo.



Natureza esculpida: Atravessamos quatorze quilômetros de castanheiras queimadas, mutiladas e mortas para chegar ao Assentamento *17 de Abril*, um cemitério vivo de cobiça, de florestas derrubadas nessa parte da Amazônia, planejada para produzir hambúrgueres com sua criação bovina.

Resistente: Nossa primeira visão do Assentamento *17 de Abril*. Impossível chegar aqui sem sorrir com a coragem das 690 famílias que não abandonaram seus sonhos. Nós fomos levados para a casa de Gouveia e Maria.



Mediador comunitário: Gouveia se tornou nosso primeiro mediador cultural, facilitando e interpretando nosso relacionamento com a sua comunidade. Sem sua sensibilidade, a colaboração não poderia ter acontecido. Ele caminhou conosco pelas ruas do assentamento, nos apresentando aos sobreviventes, viúvas e mutilados em suas casas. Nós ouvimos suas histórias do massacre, contadas através de uma foto, um cacho de cabelo, uma faca, uma sandália, a cicatriz de um tiro, na presença constante de castanheiras esculpidas pela violência das multinacionais.



Proposta intuitiva: Quando eu propus as dezenove castanheiras arranjadas no formato do mapa do Brasil, a idéia de repente pareceu inevitável. Gouveia e sua família ajudaram a construir o modelo. Sugerir que nós apresentássemos a idéia ao Jorge, coordenador regional.



Justiça poética: Jorge entendeu e gostou do poder poético e político da proposta. *Dez metros de altura?*, ele perguntou. *A escultura precisa ser tão épica quanto o sonho do MST*, expliquei. *Nós encontraremos os recursos*, ele respondeu. *Nós faremos isso independentemente. Todas as famílias vão querer contribuir.*





Respeito: Gouveia marcou uma reunião da coordenação do assentamento. Os dezenove núcleos do assentamento – cada um com o nome de um dos dezenove homens massacrados – se encontraram no chapéu de palha, a impressionante e sutil arquitetura tradicional da região. Gouveia apresentou a proposta à coordenação com paixão. Não precisou de nenhuma interpretação, mas os coordenadores sorriram para a ousadia da proposta. Logo selecionaram um pequeno núcleo de coordenadores.

A voz: Pela minha experiência com os sobreviventes do *Domingo Sangrento* e de Soweto, propus que nós apresentássemos primeiro a proposta às viúvas e filhos dos mortos, e depois aos mutilados, para então consultarmos a comunidade inteira. *Nós não podemos transformar o monumento das cruzes sem a permissão e participação daqueles que mais sofreram.* Gouveia não tinha esperança: *as feridas ainda estão abertas. Ninguém confrontou sua dor publicamente ainda.* Ele usou a ‘voz’ – um microfone amplificado no centro do assentamento que nos despertava toda manhã com as vibrantes canções do Movimento – para marcar reuniões. Nós tocamos uma música de Derry e esperamos.

O corpo-pensante: Um grupo de viúvas e mutilados se reuniu na catedral. Ninguém precisou de uma explicação da proposta quando apresentamos a maquete: *Nós somos essas castanheiras. As castanheiras são a gente. Mas nós temos que construir este monumento para relembrar todos os massacres do Brasil: os índios, as florestas, os Sem Terra.* Alguns arregaçaram as mangas, outros tiraram suas camisas e bonés para mostrar suas provas. As cicatrizes eram tão profundas que alguns nem precisaram falar que não conseguiam mais trabalhar, dormir ou mesmo fazer amor, e o porquê de muitos buscarem refúgio na cachaça para encontrar uma amnésia temporária. *Se esse monumento é para representar todos os massacres do Brasil, vamos lhe dar o nome daqueles que morreram em Eldorado ou deixar o monumento anônimo?* eu perguntei. Os sobreviventes ficaram divididos. *Por que não consultar suas famílias e amigos?*, sugeri. *Nós podemos voltar a essa decisão.*

Decodificação: Nós esperávamos 50 pessoas. Em torno de 600 se reuniram na catedral para contar suas histórias e ouvir os outros relembrarem a experiência do massacre, pela primeira vez em público. Nós imediatamente transformamos o encontro em um *teatro tribal*, processando o presidente da República, o governo do Estado e a Polícia Militar. Manoela pegou o papel de conselho de defesa. Uma outra pessoa pegou o papel da acusação e eu peguei o papel de juiz internacional. Cada viúva e mutilado contou a sua história, como testemunhas. *Chamem nossos filhos*, sugeri um

mutilado. *Deixem eles contarem suas histórias também.* Crianças de três a seis anos de idade lembraram sua experiência através de uma mística sobre o massacre da Candelária, no Rio. *Imagine as memórias que eles carregam em seus corpos, peles e inconscientes? Eles também terão que beber para esquecer e dormir?* Muitos relacionavam a violência do massacre à violência dentro do assentamento. Eles entenderam como os oprimidos podem virar opressores. Um mutilado questionou a responsabilidade da polícia. *Eles são trabalhadores como nós. Sem a liberdade de escolher.* Como o júri, em pares e trios, a assembléia sussurrou e conferenciou. *Nós julgamos o presidente, o governo e a Polícia Militar culpados de assassinato.* A reunião aplaudiu e encerrou com círculos de capoeira e canto.

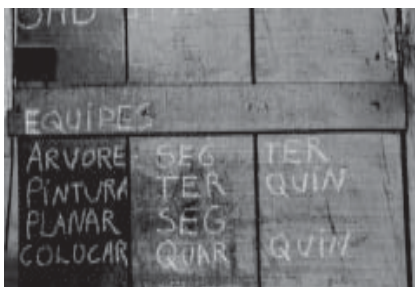
Pedagogia da afirmação: No dia seguinte, marcamos um encontro para aqueles interessados em coordenar e construir a escultura. No pátio da escola, nós reapresentamos a proposta e perguntamos à comunidade como estruturaríamos o processo. Ele tinha que se tornar o processo deles. *Mas seis dias? Isso é impossível!*, muitos reclamaram. *Veja como nos tornamos desmotivados após o massacre.* Luís os lembrou da tragédia, da importância de se comunicar com o mundo. *Esse monumento vai falar por nossos mortos. E por todos nós que estamos lutando por justiça.* Eles pareciam desanimados consigo mesmo. A paixão e motivação da noite anterior já haviam diminuído. Gouveia me chamou para falar. Eu hesitei, mas com o meu português falho, usei o poder do estranho, que permite às pessoas se verem de fora. *Vocês já estão tentando o impossível. Vocês estão construindo um país inteiramente novo. Vocês são gigantes por todo mundo, inspirando movimentos em outros continentes. Esse monumento vai ser a prova de que seu sonho não pôde ser destruído. Não deixem o massacre turvar sua visão. Se o MST não puder construir esse monumento, ninguém pode!*



Planejamento coletivo: Juntos, com calma, nós planejamos um programa de seis dias. Alguns identificaram castanheiras que poderíamos usar. Outros pensaram nos materiais que iríamos precisar. Alguns falaram dos perigos. Outros calcularam os gastos.



Porta para a cicatrização: Gradativamente, Manoela escreveu um resumo de todas as idéias em uma porta fora de uso, no pátio da escola, e juntos organizamos nosso cronograma e as equipes que iriam aplanar a terra, cortar e pegar as árvores, pintá-las com óleo queimado para que agüentassem o sol e a chuva da Amazônia, cavar os buracos de dois por dois metros e misturar o cimento.





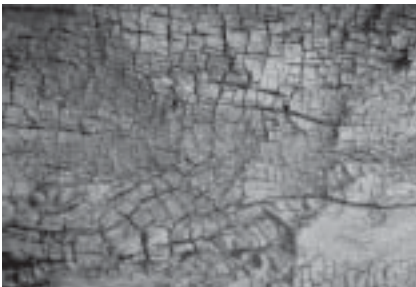
Convidando os jovens: Nós visitamos cada uma das cinco salas nos quatro períodos da escola para trocar canções e histórias. *O que o massacre significa para vocês?* Ouvimos suas histórias. Eles já haviam ouvido a proposta. *Vocês gostariam de participar também?*, perguntamos. *Como pode esse monumento ser de vocês se vocês não ajudarem a construí-lo?* Os jovens não precisaram de persuasão. Seus educadores concordaram em organizar sua contribuição.



Conhecimento: Jozemar, um *mutilado* carregando três balas em seu corpo, coordenou o cortar das árvores. Caminhamos por três dias. Não havia dinheiro para comprar combustível para os jipes ou tratores. No fim de um dos dias, de repente começou a chover tão violentamente que tivemos que abandonar nossa busca. Jozemar deitou na beira da estrada e se cobriu com mato, para continuar seco. *Um guarda-chuva indígena*, eu pensei, fazendo o mesmo. Um caminhão nos apanhou minutos depois. Enquanto nos dirigíamos para o assentamento, percebi que meu corpo inteiro estava vivo com formigas violentas me picando. Sacudindo e batendo no meu corpo, acabei passando a todos os passageiros, mas as formigas voltavam a mim. Pulei da caminhonete, tirando minhas roupas corri para o chuveiro, embaixo das estrelas. *Sangue de gringo*, os mutilados se dobraram de tanto rir quando nos encontramos mais tarde naquela mesma noite. A amizade estava crescendo entre todos nós rapidamente. Sem saber, estávamos criando nosso segundo mediador cultural.



Experimentação: Nós debatíamos nosso critério para seleção enquanto trabalhávamos: *Mas quando as árvores caírem, os galhos vão quebrar. Ou nós podemos serrar os galhos*, alguns disseram quando eu questionei uma castanheira proposta. *Mas elas aparecerão como árvores quebradas ou serradas. Têm que estar sem galhos, e não com os galhos serrados, para demonstrar a profundidade da mutilação*, sugeri.



Castanheiras poéticas: *E por quê não essa?* Jozemar perguntou, quando eu questionei um tronco que ainda estava parcialmente vivo. *Elas precisam estar completamente queimadas, mortas, para representar o massacre e a queimada de todas as carteiras de identidade de vocês*, sugeri. *E fortes o suficiente para ficar em pé sem perigo*. Muitos estavam ansiosos com o tempo que estávamos levando. *Dan, essa castanheira não tem galhos, está queimada e está forte*. Eu sacudi a cabeça e enrolei meu português para explicar. *Essa castanheira é... é... essa castanheira é sem graça*. Eles olharam para



mim incrédulos. *Não é poética, eu tentei. Não é poética!?*, alguns exclamaram. *O que é uma árvore poética?* Eu olhei para Jozemar. Ele sorriu. *Você quer dizer que ela não chama a atenção?* Agora eu sorri. *Exatamente! Ela não segura o olho da mente. A imaginação! Esse monumento tem que engajar a mente do Brasil!* Todos nós rimos. Mas nosso critério estava em foco. Durante vários dias pessoas se aproximavam de nós. *Eu tenho uma castanheira poética na minha terra, ideal para o nosso movimento!*

Impaciência paciente: Enquanto caminhos estavam sendo abertos para chegar às árvores selecionadas, nós nos reunimos com as viúvas e os mutilados na capela novamente. *Vocês ainda têm certeza de que querem transformar o monumento original?*, eu perguntei. *Nós não queremos que a pressão do tempo ou da produção force uma decisão da qual vocês vão se arrepender.* Eles conversaram em pares antes de confirmar sua decisão. *E os nomes?*, perguntei. Eles continuaram divididos. Eu lembrei o que havia aprendido na Irlanda sobre as duas vezes da *barricada*, a pública e a reflexiva. *Talvez nós pudéssemos colocar a placa no monumento*, sugeri. *Nós poderíamos construir um monumento comunitário entre árvores e um monumento nacional fora delas.* A idéia aproximou a reunião.



História viva: Nós concordamos em gravar essa decisão histórica e o formato do monumento existente num retrato em grupo, das viúvas e dos mutilados. O poder afirmativo da câmera é revelador por si.

Vivendo com a comunidade: Quando íamos começar a desmontar o monumento original, uma mãe de dezessete anos veio correndo da roça e parou nosso caminhão. *Vocês podem bater uma foto da minha filha? Ela morreu essa manhã. Nós temos memórias dela, mas a gente gostaria de uma lembrancinha. Vocês têm uma câmera. Logo confirmamos. Quanto vocês vão cobrar por uma foto?* Eu sorri. *Nada, amiga. Nós estamos aqui em solidariedade a vocês.* Ela nos guiou até sua casa silenciosa. *Como devemos posar?*, ela perguntou. *Não tenho experiência*, respondi. *Como vocês querem lembrar dela?* Nós conversamos com seu companheiro e os avós e aos poucos montaram esse retrato. *Ela morreu de gripe*, revelou. *Com três meses de idade. O massacre continua*, ela disse, olhando diretamente nos nossos olhos. Nós trocamos abraços e voltamos ao caminhão cheio de assentados, para chegar ao monumento.





Construindo a voz externa de protesto

Prática: Manoela chamou as crianças da escola para nos ajudar a localizar as castanheiras e experimentar com as distâncias entre elas, para decidir o tamanho do monumento. Elas trabalhavam em pares, logo, podiam bater papo durante o lento processo de mapear o Brasil. *Onde está o Rio? São Paulo? Belém? Porto Alegre? Quem sabe a história do nome?* Nós transformamos o processo numa aula de geografia política. No fim da nossa aula espontânea, ninguém conseguiu explicar onde acabava a história e onde começava a geografia.

Transformação simbólica: As pequenas cruzes foram usadas para marcar nossas decisões. Elas foram guardadas pelas viúvas e pelos mutilados na pequena capela, à beira da estrada.

Sensibilidade à mudança: Índio – o irmão mais velho de Oziel Alves Pereira e líder do MST – se ofereceu para remover a placa contendo os dezenove nomes dos mortos da cruz central. Era sagrado demais para desmontarmos. Essa sensibilidade garantiu a confiança e o apoio contínuo da comunidade.

Drama: Uma escavadeira foi alugada para acelerar o processo de escavar essa terra pedregosa. Ela quebrou duas vezes, gerando ainda mais pressão sobre o tempo e tensão. Precisávamos ficar calmos. Eu perguntei para Gouveia se um dos carros com alto-falante do MST poderia ser trazido ao local. A partir daquele momento, ouvíamos música enquanto trabalhávamos. Alguns jovens dançavam e cantavam enquanto aplanavam a terra e misturavam o cimento. Outros ajudavam a montar as luzes que nos permitiriam trabalhar à noite.

Participação orgulhosa: A motivação dos acampados e assentados em todo o processo impressionou a eles mesmos. Organizaram-se sem chefe, com o sentido de fazer uma história única.

Construindo novas relações: Crianças mais velhas formaram uma equipe para cobrir os troncos com óleo queimado e com isso garantir que as castanheiras resistiram uns cem anos. Trabalhar junto, *fisicamente*, inscreve um entendimento prático e uma confiança na cooperação da memória emocional compartilhada pelo coletivo.



Prazer: O relacionamento entre prazer e motivação coletiva tocou intensamente as lideranças que participaram. Levantou questões agudas sobre o labirinto emocional e o alcance limitado da política de auto-sacrifício.

As crianças, com sua liberdade corporal e afetiva ainda intacta, transpareceram a força inibidora da culpa, inscrita no corpo católico, domesticado e subjugado, e escondida atrás da política de sacrifício. O contato físico no trabalho inspirou conversas refletivas nos bares de Marabá: *A cultura européia nos leva a reforçar nossa repressão e adiar nossa libertação, sem querer, refletiu Jorge. Não faz parte de nossas culturas indígenas ou negras. Entendo isso como poeta. Mas quais são suas implicações na luta?*



Independência: Dois guinchos ergueram e colocaram as castanheiras no seu lugar. Cinco mil famílias pobres do MST recolheram o dinheiro do aluguel para garantir a independência do monumento, recusando o apoio da prefeitura. *Nós deveríamos botar a bandeira do movimento no topo de cada castanheira*, notou um dos jovens líderes, durante uma visita ao local. *Deixe o monumento falar por si próprio*, respondeu Jozemar. *Mas aqueles que passarem por aqui não vão saber o que ele representa*, rebateu o jovem. Jozemar sorriu. *Exatamente. E é isso que vai chamar atenção. Eles vão perguntar: por que há dezenove árvores mortas plantadas aqui na beira da estrada, na borda da Amazônia? E a pergunta deles vai provocar um diálogo, que vai provocar reflexão. E a reflexão vai provocar a independência de pensamento e a compreensão. Não é isso que queremos?*





Visão épica: Durante dois dias e duas noites, trabalhamos em equipes, guiando e endireitando os troncos, enchendo as fundações com pedras e cimento, e cuidando da consistência de cada fase. Não queríamos que a correria para encerrar na data do massacre prejudicasse a estabilidade e qualidade estética do monumento. Não foi fácil registrar a grandeza e o detalhe simultâneos da construção, nem a paciência, força, cuidado e prazer dos trabalhadores. O Jozemar saiu de sua cama, doente com malária, para manter sua participação até o fim: *Não consigo ficar parado, imaginando o que nós estamos construindo! Além da importância histórica. Imagine depois de pronto!*



Entrando a História: Alunos e educadores selecionaram cuidadosamente 69 pedras para representar os 69 'mutilados', os sobreviventes da comunidade que carregam balas em seus corpos e seqüelas físicas que dificultam ou impossibilitam trabalhar na roça. Experimentaram colocá-las no contorno do mapa, entre as castanheiras, mas desapareceram em relação ao tamanho dos troncos e perderam a força de seu significado.



Dissolvendo a culpa da sobrevivência: No final, decidimos pintar as pedras de vermelho e juntá-las ao altar com os nomes dos 19 mortos, para visibilizar uma dimensão frequentemente eclipsada na narrativa sobre o massacre. Embora a idéia tenha surgido numa fase adiantada do processo, estávamos conscientes da importância de diminuir a culpa que os silenciava por terem sobrevivido. Alguns sentiam raiva por ficarem esquecidos. O massacre também não lhes permitiu reconstruir parte do sentido de uma vida normal.



Auto-estima: A equipe noturna celebra a colocação da última castanheira. *Nós estamos fazendo história para os nossos netos*, Luís soluçou, sua pele arrepiada de emoção e orgulho. *Vamos documentar este momento!* De novo, as lideranças presentes refletiram: *o catolicismo em nossa cultura com frequência confunde orgulho com vaidade e falha em ver sua relação com a auto-estima e o auto-respeito, bases importantes para a motivação e a cooperação*. Manoela, a única mulher a trabalhar à noite, tirou esta foto. Nós trabalhamos tão depressa, na última noite, que só percebemos no final que a última castanheira tinha capim preso no seu topo! Eu perguntei: *alguém tem a habilidade de escalar os oito metros para completar o monumento?* Um jovem se ofereceu. Eu perguntei a seu pai: *existe alguma possibilidade dele cair?* Jozemar sorriu: *Ele poderia subir nessas árvores dormindo*, aliviando nossa preocupação. Muitos se ajoelharam quando o guincho o levantou nos primeiros seis metros. Com confiança, ele subiu até o topo e removeu o capim resistente, e desceu aos aplausos daqueles ali reunidos. O drama provocou uma discussão profunda sobre ciclos de renovação na natureza e uma idéia nova foi integrada ao nosso plano. *Será que completaremos a cimentação dessas últimas árvores?* A inauguração deveria começar às nove horas da manhã seguinte. *Nós precisamos voltar para nossas famílias. Comer e descansar. Voltaremos amanhã cedo*. Pusemos as árvores de pé com montes de rochas pesadas, mas sem cimentar.



À meia-noite começou uma tempestade violenta que nos obrigou a tirar água de dentro de nossa casa com vassouras e baldes, por três horas. *Você acha que as árvores não-cimentadas ainda estão de pé?*, perguntei para Gouveia e Maria. Ninguém sabia ao certo. Naquela noite eu sonhei que voltávamos na manhã seguinte e encontrávamos as árvores todas anguladas em direções diferentes, como dentes quebrados num crânio.

Na manhã seguinte, quando chegamos, as árvores estavam lá, como as deixamos.



Construindo a voz interna da reflexão

Monumento comunitário: Recuperamos uma castanheira de três metros que havíamos selecionado para ser o altar do monumento e a pusemos no lugar correspondente ao Pará no mapa do Brasil. As 69 e nove pedras que pintamos de vermelho foram colocadas em volta da castanheira menor e em seu interior; a placa foi cimentada nela. Você pode notar que velas foram acesas durante a cerimônia de inauguração, transformando o espaço interno num santuário sagrado e monumento comunitário.



Monumento antimonumental: O monumento final, construído coletivamente por mais de 800 participantes. Um ano depois, durante uma missa para lembrar o massacre, Jozemar e outros militantes Sem Terra plantaram mudas de castanheiras em volta do monumento, completando seu desenho. Enquanto as castanheiras mortas se desintegrarem, as árvores jovens crescerão, permitindo que as vítimas entrem num processo de cicatrização, para se livrarem de uma história desumanizadora e mutiladora e para se verem no movimento de mudança. Criamos um monumento dinâmico, que não imobiliza o presente num passado imutável, capaz de se transformar de um monumento de resistência num monumento à vida e renovação auto-sustentável.



Inauguração no dia 17: A comunidade chega para inaugurar o monumento de resistência e libertação, com uma mística de protesto.



Celebração: Agradecemos aos participantes do Acampamento *26 de Março* pela sua contribuição, relembrando a história do 'capim resistente' entre a história coletiva que havíamos criado.



Comemoração de despedida: Agradecemos ao Assentamento *17 de Abril* pela sua contribuição e amizade, na véspera de nossa partida. A catedral ficou lotada. Com a energia fraca e inconsistente do gerador, o projetor não tinha força para impulsionar seu próprio ventilador e parava a cada sete minutos.



Avaliação comunitária: Nos pequenos intervalos, trocamos canções e organizamos entrevistas espontâneas, itinerantes, com a voz comunitária, ouvindo depoimentos e reflexões dos participantes e de sua comunidade. Aos poucos, completamos uma apresentação de *slides* sobre as campanhas que surgiram dos massacres do *Domingo Sangrento* e de Soweto, e do processo do mural da escola agrícola *Campo e Cidade, Uni-vos!* Nossa última noite culminou em lembranças espontâneas e canto coletivo.



Mística nacional: Um ano depois, voltamos para nossa 'casa', a Escola Agrícola 25 de Maio, e apresentamos essa narrativa num *show* de *slides* que terminou com um *teatro tribunal* sobre a responsabilidade ética da polícia que atuou no massacre. A direção nacional do MST já havia orientado suas escolas e comunidades para uma campanha que propunha plantar 19 árvores regionais na forma do Brasil, inspirada pelo monumento. Assistimos a uma mística emocionante de resistência, que nomeou 19 mudas de araucária em homenagem às vítimas do massacre, realizada pelos alunos da escola.





Reencontro de amor: Em janeiro de 2003, quase quatro anos depois, Manoela e eu surpreendemos a comunidade com uma visita inesperada. O processo coletivo da construção do monumento já havia se tornado épico na memória dos assentados, que nos acolheram em suas casas, com amor. Mas nos surpreendemos com a grande transformação ocorrida na vida da comunidade. Centenas de árvores foram plantadas e já estão repletas de frutas. Gouveia nos apresentou seu primeiro neto e depois nos levou a uma caminhada comunitária.



Escola como palco democrático: Caminhamos para a escola e participamos de uma reunião no mesmo pátio onde o monumento foi planejado. Tantos amigos apareceram, sorrindo com o reencontro. Discutiam a extensão da energia elétrica até as roças. Parte da energia elétrica e das linhas telefônicas foram instalados quatro meses antes, possibilitando comunicação, água gelada, sorvete, ventiladores, música e televisão. *Sabemos que enfrentaremos desafios duros pela frente*, admitiu Gouveia, quando perguntei sobre o poder da TV.



Avaliação comunitária: Pela primeira vez, depois de tantas apresentações ao redor e fora do país, Manoela e eu tivemos o prazer de compartilhar o processo de construção na igreja católica. Risadas de reconhecimento. Cochichos de prazer e exclamações. *Mas o chapéu de palha não existe mais! Pegou fogo com um foguete, na noite das comemorações do segundo turno das eleições.* Nossa narrativa seguiu com inúmeros diálogos que afirmaram a aprendizagem durante o projeto e a importância de divulgá-lo. *Podemos publicar essa história num livro?*, perguntei. Numa só voz, concordaram.



Plantando o futuro no passado: Na manhã seguinte, depois de abraçar Jozemar e sua nova filha, fomos para a roça, conhecer a nova cultura em desenvolvimento. Centenas de famílias estavam plantando mudas de cacau entre as castanheiras mutiladas e queimadas. Mostrando suas plantações de arroz, milho, mandioca, banana e feijão, Gouveia sorriu com orgulho. *O Movimento já vem contribuindo com a 'Fome Zero' durante anos. Mas agora, posso falar que a vida é boa. Estamos pensando em desenvolvimento, não em tragédia. E estamos nos preparando para colocar alguém do 17 de Abril como prefeito.*



Brotos de esperança: Até no monumento a vida havia retomado a história. O mato cobria o espaço por entre todas as castanheiras e um broto havia germinado no tronco mais forte, a castanheira que fica na posição do Rio Grande do Sul no mapa, aquela com a forma de um punho.

4.2 Em busca de comunidade

Lembre de 25 de Maio!

Este monumento à primeira ocupação realizada em Santa Catarina, por 1659 famílias, em 25 de maio de 1985, é inspirado pela legendaria história da noite em que mulheres saltaram de um caminhão para apagar o fogo, aceso pelos pistoleiros para impedir os Sem Terra de democratizar a terra. Ao escolher essa história coletiva como proposta para sua comunidade, as lideranças da região de Abelardo Luz quiseram renovar a motivação frágil dos assentados – esgotada deliberadamente pelos governos estadual e federal durante quatorze anos de luta – e mandar uma mensagem clara tanto para o governo como para os proprietários de terra, de que o sonho do MST ainda estava vivo.

Este é um monumento de intervenção aparentemente simples. Desenhado e construído por um núcleo de militantes assentados da região, a obra convida todas as gerações a não só lembrar a história que estão fazendo, mas também a continuar a sonhar no espaço aberto da cena noturna⁴, no centro do monumento. No entanto, além deste simbolismo poético, a escultura possui também um questionamento provocativo na sua bandeira. Por que os tijolos do canto estão expostos? A tinta de seus produtores simplesmente acabou? A pista para responder essas perguntas está na história de uma idéia. Em 1985 o MST ainda não tinha uma bandeira nacional. Tinha apenas faixas e bandeiras pintadas e costuradas à mão, que contavam uma verdade profunda e simples: este é um Movimento feito pelas próprias pessoas, para construir suas casas próprias nos seus próprios pedaços de terra. Mas uma casa é uma bandeira incompleta. O que mais é preciso para construir um futuro coletivo?

⁴ Três anos depois da construção do monumento, Vanderlei, coordenador da rádio comunitária do MST em Abelardo Luz, foi assassinado aos 23 anos de idade, quando intervinha para apoiar uma jovem mulher durante uma festa comunitária. Dedicamos e entregamos esse livro a sua família como memória de coragem.

Contexto

História: A histórica ponte que 1650 famílias atravessaram na noite de 25 de maio de 1985, para ocupar uma área em Abelardo Luz. Pistoleiros botaram fogo na ponte para impedir a ocupação. Mulheres à frente da ocupação pularam do primeiro caminhão para apagar o fogo. Através dessa vista panorâmica, dá para entender porque os emigrantes europeus colonizaram essa área. É bem parecida com algumas regiões italianas e alemãs.

Cultura: Membros de diferentes assentamentos do MST da região de Abelardo Luz celebram a intervenção das mulheres no 15º aniversário da ocupação, através de uma *mística* – uma performance de mímica dramática, tipicamente acompanhada de narração escrita por líderes da região. A *mística* é destinada a renovar os valores, princípios e símbolos do movimento, através da dramatização dos momentos de luta e das suas idéias significativas. Sua criação é de responsabilidade dos militantes dos setores de educação ou formação.

Cerca de injustiça: A mística chega até o momento do corte do arame farpado que cerca a terra não-produtiva, abrindo o caminho às famílias para construir uma nova vida. Esse ato simbólico é o passo formativo para o rompimento com séculos de exclusão e subjugação, representando simultaneamente uma declaração de resistência e a busca de um país justo. Os participantes se emocionam, ouvindo a declaração sobre as cercas atuais, que ainda tem que ser cortadas: a cerca do analfabetismo, do machismo, da censura e da exclusão.

Comunidade: A casa construída por Manteiga e Solange Lavratti e seus três filhos, onde moramos durante todo o projeto. Ambos participaram da ocupação original.

Trabalho: Solange, dois de seus filhos e sua sobrinha escolhem feijão para a refeição diária. A comunidade come arroz e feijão pelo menos uma vez ao dia.





Casa: Mais tarde, Solange faz espagete para a refeição da noite, enquanto Manteiga cuida das panelas no fogão. O fogão é a única fonte de calor na casa. A região inteira batalha contra resfriados e febres, durante o frio cortante do inverno.



Comida: A típica refeição de uma família do MST no Sul – arroz, macarrão, pão e carne – quinze anos depois da ocupação, mas ainda batalhando para pagar os empréstimos concedidos pelo governo para a compra do equipamento necessário, e lutando para acessar os recursos prometidos por ele. Foi uma lição dura descobrir a impossibilidade de competir com os preços de mercado para vender os produtos agrícolas. Aqui Manoela está sentada ao lado do Nonno, o avô dos Lavratti.



Noite: Manteiga e Solange aproveitam a última hora da noite com seus filhos. No outono e no inverno o dia começa às 5h da manhã e termina às 7h30min da noite. Será que conseguiremos dormir tão cedo?

Processo



Oficina base: Em nosso primeiro encontro com os líderes da comunidade, eles propõem a história da primeira ocupação como tema para o monumento. Eu esboço a história, conforme vai sendo contada. Devido ao fato de o monumento *As Castanheiras de Eldorado dos Carajás* ter sido concluído em seis dias, as lideranças acreditam que o seu monumento pode ser criado nos doze dias que faltam para o aniversário da primeira ocupação da região. Isso reflete a urgência de sua necessidade e revela uma ingenuidade a respeito do tempo que se leva para desenvolver uma idéia artística, sem falar da construção de uma cultura de colaboração e de um processo coletivo. *Quanto tempo demora para plantar, cuidar e colher seu feijão?*, eu pergunto. *Três meses*, sorri Altair. *A sobrevivência nos faz imediatistas, mas nós sabemos que qualquer coisa significativa leva tempo.* No entanto, eles continuam esperançosos. O monumento é necessário para renovar a motivação.

Modelo: Altair ajuda na preparação do modelo a ser apresentado à comunidade e no guiar do processo de produção. Seu pai assiste. Altair se torna o mediador cultural do projeto por causa dessas primeiras horas de colaboração.



Fundação: O ato de trabalharmos juntos, criativamente, nessas primeiras horas traça a base de nossa colaboração e cultiva laços duradouros de solidariedade e amizade. Nós sabemos que não conseguiremos atingir isso em escala comunitária, nesse projeto. Mas nós vamos gerar uma intervenção cultural e outras idéias.

Desenho: Os irmãos Lavratti e suas companheiras estudam o primeiro modelo e começam a imaginar sua construção. Essa consulta já está valorizando seus conhecimentos como construtores de casas, armando a base de nossa colaboração. *As crianças e bebês participaram da ocupação?*, eu pergunto. As mulheres lembram dos nomes daqueles adolescentes que estavam presentes naquela noite e do nome daqueles que nasceram nas barracas. *E os homens também carregaram os bebês?* Tales Lavratti quebra seu silêncio. *Eu mesmo carreguei nossa filha.* Mudamos o desenho. *Ele vai fazer as pessoas refletirem*, diz Altair. *Olha. Essa parede não vai ser erguida nunca*, diz um deles. *Como vamos construir mulheres que as sustentem?* Risadas cúmplices de todos, nessa cultura camponesa tradicional. A pergunta mexe com a essência da visão do MST.



Participação: A intervenção de Altair estimula a modificação na maquete, que gera uma idéia. *Nós podíamos construir uma janela com a forma do mapa do Brasil no centro do mural*, proponho. *E como vamos fazer um apoio?*, pergunta Mano. *Se você não puder construir isso, ninguém pode*, eu falo.



Colaboração: Uma hora antes, Mano e Altair se viram como assistentes dos artistas. Agora, quando eles percebem que nós não temos nem suas habilidades e nem seus conhecimentos, eles sentam juntos para resolver o problema. Eles já estão ampliando suas habilidades e conhecimentos, criativamente, além das fronteiras já conhecidas. *Isto nos faz artistas?* Eles sorriem.





Pedagogia do prazer: Mano, Gerson e Vanderlei analisam suas opções de como resolver o problema da construção do Brasil.



Desafiando a criatividade dos militantes: Botando a decisão na prática. Eles já construíram tantas casas, mas nunca se deram conta de que possuíam tanta criatividade. *O prazer de resolver problemas como esse, dentro de um pequeno coletivo – é disso que a gente sente falta*, diz Vanderlei. *Isso gera companheirismo e o ânimo para seguir em frente. Nós deveríamos usar a rádio comunitária para explicar o monumento e essa maneira de trabalhar.*



Estética reveladora: Vista das estruturas da fundação atrás do monumento, construídas com uma estética mais funcionalista de que poética. Revelam como nos preocupávamos mais com o sonho político e não com sua realização subjetiva?



Ferramentas de trabalho: Mano trabalha a parede do monumento com o seu facão. Suas ferramentas de trabalho estão se tornando instrumentos de escultura. O pequeno coletivo trabalha noite adentro, na esperança de que o monumento possa ficar pronto para o dia do aniversário da ocupação.

Comunidade: O ônibus escolar passa pelo local da construção três vezes ao dia. Manoela explica o monumento aos alunos, que se reúnem para assistir seu desenvolvimento. Eles irão explicá-lo às suas famílias, em dezoito assentamentos.



Censura: *Eu sou do País de Gales*, demonstro usando alunos como exemplo para explicar as relações culturais e políticas entre Inglaterra, Gales, Escócia e Irlanda. Enquanto a estrutura do monumento é finalizada, Manoela e eu visitamos a principal escola da região, onde é proibido usar o emblema do MST. *Política do governo local*, explica Altair. A escola fica num dos assentamentos, mas a maioria dos professores não sabe sobre as propostas do MST. Nosso *show de slides* inclui o mural *Campo e Cidade, Uni-vos!* da Escola Agrícola 25 de Maio e a escultura comunitária de Eldorado dos Carajás. Muitos choram com a verdade: *Por que precisa vir um estranho, do outro lado do mundo, para nos contar sobre os nossos próprios companheiros?*



Orgulho: A parede está rebocada. Sua beleza quase nos convence a deixá-la sem pintura.



Transferindo o desenho: As técnicas de ampliar e transferir o desenho são explicadas, mas a pressão do nosso prazo final não permite a experimentação. Os outros abriram espaço para adiantar o desenho na parede. Eu esboço o desenho na nova parede.

O esboço é complicado. Mesmo ampliado-o com quadrados, a parede em construção tem crescido e esticado, perdendo as dimensões originais da maquete! Pinto um pouco, depois desço e me afasto da parede, olhando de longe, para confirmar as proporções humanas, voltando ao andaime com decisões. O processo de experimentação é lento, mas possibilita uma consulta permanente sobre o estilo do monumento. Criamos e modelamos as posturas típicas que decidimos integrar na representação da cena da ocupação, mesmo no andaime! Ele vira um palco de resgate e risada!





Sobrevivência: A comunidade inteira ouviu falar sobre as mulheres de cinco metros de altura. Gerson e Mano pintam no sol matinal. A data do aniversário chega e vai embora, e agora eles devem voltar para seus trabalhos no campo.



Cuidado: Manoela transfere as habilidades adquiridas nos dois murais antecedentes para a pintura desta escultura. Agora estamos morando efetivamente dentro do Movimento, porém preocupados para não nos isolar na pintura detalhada do monumento.



Mediador comunitário: Altair decidiu acompanhar o processo inteiro. Ele reconhece intuitivamente a importância do monumento como intervenção e as nossas próprias necessidades culturais. Essa sensibilidade se reflete na maneira como pinta e questiona. Ele não está preso ao antigo, nem tampouco tem medo do novo. Ele se torna o mediador cultural do projeto.



Inverno: A chuva e o frio tornam o projeto mais lento. Por vários dias não podemos pintar. Mas a amizade não pára de fluir pelas famílias, amenizando a espera e aprofundando nosso entendimento dos desafios enfrentados pelo MST.

Paciência impacienta: O cuidado do artista na busca de um resultado final pode ser transferido a todas as áreas da vida. *Temos que incluir isso em todas nossas escolas e cursos de formação, disse Altair. Formação do ser humano. Não somente do artista!*



Pedagogia das perguntas: Os educadores e agrônomos do MST passam pelo monumento toda semana. *Acabou sua tinta?, eles perguntam, apontando para a ponta da bandeira. E se a gente falar que foi de propósito?, indaga Altair. Eles olham de novo. O Movimento em construção? Altair sorri: que mais? Ele se diverte com a pedagogia. Revela como o monumento foi construído? Os materiais e as técnicas? Altair sorri novamente. Eles pedem para contribuir e acabam trocando técnicas.*



Diálogo: Os assentados e suas famílias passam por nós todo dia. Na medida em que param para refletir, perguntar, admirar, nós usamos a oportunidade para pedir sua contribuição. Temos dúvidas sobre o braço estendido do homem cortando o arame para ocupar a terra improdutiva. *O braço esticado é agressivo demais?, pergunto. Eu não sou artista, responde o assentado. Mas o que você acha?, eu persisto. Ele reflete. Eu acho que você não pode cobrir a verdade com tinta, ele responde. O governo está destruindo nosso movimento e entregando nosso país de mão beijada. Esse monumento não vai resolver nosso desespero nem o isolamento que sentimos. Você acha que as nossas lideranças entendem? Eu permaneço em silêncio. Você devia dobrar o braço. Nós ocupamos a terra com esperança, mas com pouca confiança. E isso, hoje, ainda é verdade.*



Registro: Dobramos o braço da ocupação, como um registro da coragem do assentado. E três meses depois do dia que começamos, nós colhemos o monumento. Qual é a sua importância, no final? O processo coletivo de construir *As Castanheiras de Eldorado* pareceu questionar esse projeto íntimo. No entanto, esse monumento comemora o passado e propõe, com sutileza, uma cultura na qual as mulheres são valorizadas e os homens podem baixar sua guarda. Mas quem será capaz de construir aquela confiança e sensibilidade que vai garantir que lideranças jovens, como o Vanderlei, não precisem morrer? Que tipo de processo de transformação subjetiva vai preencher aquele espaço do Brasil diferente, democrático e inclusivo?





Lembre de 25 de Maio!



Comemoração: Um almoço de despedida encerrou o lançamento comunitário, que juntou as famílias vizinhas da comunidade. Na casa da família Lavratti, nós trocamos idéias e descobertas, na preparação para uma avaliação informal.



Avaliação: Identificamos três perguntas que vamos carregar conosco para o nosso futuro projeto:

Como podem filhas, mães e avós serem liberadas de suas casas para participar de projetos culturais comunitários no futuro?

O que leva uma família ou pessoa individual a sustentar um sonho?

Como essa motivação pode ser integrada dentro de uma 'sala de aula', um curso de formação e um lar?

Quatro anos depois: *Hoje, o monumento é uma lembrança diária de que precisamos renovar nossa motivação e nossa visão, reflete Altair durante um almoço na casa que agora reside, em Florianópolis, onde está cursando Direito, para defender o MST na Justiça. Nossa cooperativa desabou e fechou. Nós reconhecemos agora que a nossa tentativa de comercializar a produção para competir no mercado foi um erro. Nós estamos formando novas cooperativas para plantar e trocar comida entre nós. O monumento agora nos desafia a ir além e sonhar. Ele desafia nossas filhas a pensar além da cozinha. Ele desafia nossos filhos a pensar além do trabalho. E até incita os proprietários de terra da região a reconsiderar quem acham que são.*